

## Prefácio

Qual é o contrário de utopia? A resposta não é evidente, talvez realidade ou será antes imperfeição absoluta? Ou será um misto das duas, uma realidade perturbante que não podemos evitar e em que não acreditamos, por nos parecer improvável até se tornar avassaladoramente dominante dos nossos sentidos?

É com este pano de fundo que entramos nesta história, onde a fronteira do inesperado com o evidente é desconcertante, como se a antítese fosse uma função linear, um lugar visitado.

“Quero pensar em coisas agradáveis”, lemos, com o coração apertado, depois de uma tragédia que não conseguimos imaginar ser nossa, sem evitar imaginar esse doloroso cenário. Imaginamos, sem ainda saber, que no meio da angústia se acenderá uma centelha de esperança. As próprias autoras não o saberiam antes de o escrever.

É sempre assim, quando escrevemos a quatro mãos, quando o *corpus callosum* junta dois cérebros independentes e separados, quando duas pessoas dominam uma ideia criativa, quando dois seres imaginam uma história cheia de complexidades, com a simples ideia de uma vida que podia ser de todos nós no epicentro do drama.

“Eu adoro viver”, lemos e sentimos, percebendo que o destino já se arrependeu deste abismo profundo, ele que também se sabe apaixonar pelas coisas mais simples, pelos momentos mais inesperados. Porque o “Bom Dia que entra de surpresa nos ouvidos”, representa a surpresa da genialidade de momentos criados a partir de uma expectativa inicial de cada um, onde desenhamos uma história que é mais nossa do que verdade, antes de descobrir que o livro nos leva por

caminhos nunca antes trilhados e que se complicam com elegância, antes de se simplificarem numa lógica própria.

“Vou ser presa por isso?” é outro desses momentos de alívio momentâneo, que representa o oxigénio dos momentos dramáticos da nossa vida. Saber ultrapassá-los exige continuar a respirar, depurando os momentos e traçando um caminho, mesmo que lento e difícil, de saída. O humor é um truque mágico, o trunfo improvável.

Costumamos ler livros onde o “nós os dois éramos um” são momentos de saudades, de um querer viver o que já se ultrapassou. Até nisso esta história é deliciosa, repleta de lugares comuns vestidos do avesso, preparados para a cerimónia com o pensamento invertido, de quem quer ousar pensar diferente e desafiar as mais singulares leis das expectativas com a simplicidade de um piscar de olhos marcado a ritmo próprio.

Conhecer esta fascinante história em antecipação é um privilégio único, um momento que já não posso repetir, agora que percebi as lógicas por trás de cada momento, de cada surpresa. É um caminho bonito para se viver em estado de pura delícia, em compassos de prazer que devemos aos nossos dias.

**Pedro Miguel Barbosa**  
CEO da Play Growth e Escritor

## CAPÍTULO



# I

A reunião na redação do jornal demorou bastante e acabei por sair mais tarde do que imaginava. Já escureceu e caminho debaixo de uma chuva miudinha, inesperada e irritante. Tenho pressa de chegar a casa. Preciso de escrever uma crónica ainda esta noite, pois tenho de a entregar amanhã de manhã para ser revista e aprovada. Não gosto de acumular trabalho, fico à toa quando olho para a minha lista de itens urgentes e são mais aqueles que se encontram sublinhados a fluorescente verde do que os que estão riscados a vermelho ou com um visto à frente. Que hei de fazer? Tenho a paranoia de ter tudo pronto a tempo e horas. Adiar está fora de questão. Fico angustiada quando não consigo realizar todas as minhas tarefas no tempo que eu própria estipulo. Sei que, por vezes, exijo de mais de mim, ponho-me à prova constantemente. Não rejeito um bom desafio e não descanso enquanto não o venço com sucesso.

O dia de hoje foi tão agitado que quase não comi, embora tivesse bebido inúmeros cafés para me manter sempre desperta. Passo numa

confeitaria e os *croissants* brilhantes na montra chamam-me a atenção. Estou esfomeada e não hesito em entrar, apesar do atraso. Num instante, devoro um *croissant* com fiambre e bebo um copo de leite. Sinto-me mais reconfortada. Saio da loja e tenho ainda a tentação de olhar para todos os outros bolos. Têm um aspeto delicioso. A minha gula detém-se num tabuleiro cheio de bolas de Berlim, com o recheio dourado a insinuar-se, sorridente, para mim.

O que vejo a seguir, refletido no vidro da montra, faz-me gelar o sangue. Subitamente, desapareceram todos os doces e vejo nitidamente uma ambulância e um carro da polícia. O brilho das luzes a piscar obriga-me a fechar os olhos. Começo a tremer de aflição. Já percebi que está prestes a acontecer um acidente. Nada posso fazer. Balbucio uma oração pela futura vítima e desejo que, no pior dos casos, apenas fique ferida e, sobretudo, que não seja algum familiar ou amigo.

Prossigo o meu caminho, pedindo a Deus que me livre destas visões que tenho desde pequena. A primeira vez aconteceu aos doze anos. Senti o coração a bater muito depressa, fechei por momentos os olhos e vi uma lápide e uma data, vinte e cinco de agosto. Nesse dia, a minha mãe recebeu um telefonema que a deixou em prantos. A sua irmã Helena havia falecido, após uma curta luta contra um cancro no pâncreas. Fiquei aterrorizada. Na missa de sétimo dia da tia Helena, chegou até mim a imagem da minha mãe caindo na escadaria da igreja. À saída, com os olhos embargados de água, a minha mãe tropeçou num dos degraus e rebolou pelos que faltavam.

Procuro afastar o pensamento destes acontecimentos e do que acabei de ver na montra e concentrar-me na tarefa que me espera. Uma crónica sobre o *boom* turístico na cidade do Porto. Claro que já tenho bastantes notas sobre o tema, fiz alguma pesquisa e estive à conversa com donos de bares, restaurantes, lojas típicas, hotéis e

alojamentos locais. O fim de semana foi quase todo dedicado a re-descobrir a minha cidade, a observar a interação entre os turistas e os portuenses, a deixar que o ambiente da urbe se me entranhasse na pele. No pouco tempo que me restou, fui correr à beira mar. Correr revigora-me o corpo e a alma. Por sua vez, a visão do mar tranquiliza-me e afasta os meus pensamentos daquilo que os perturba.

Entretanto, a chuva intensificou-se e já me sinto a ficar encharcada. Apresso o passo e atravesso para o outro lado da rua. Sinto uma violenta pancada no lado esquerdo do corpo. Tenho a sensação de, ao mesmo tempo, voar e rebolar. Um último pensamento vai para a minha carteira que se separou de mim.

## CAPÍTULO



# II

Ouço, pouco distintamente, a palavra “inconsciente”. Fica a ressoar nos meus ouvidos como um eco. Faço um esforço para abrir os olhos. Quero acordar e não consigo. Começo a ficar aflita. Que sonho é este que não me deixa acordar? Preciso de acordar, é vital acordar. Meu Deus, terei morrido? Sim, deve ser isso. Já não faço parte do mundo dos vivos. Até pode ser, mas quero abrir os olhos para ver onde estou. Quero ver os anjos. Quero ver o meu pai.

Sem saber como, abro os olhos. Vejo vultos azuis e vultos brancos. Os brancos serão anjos? Venham aqui, falem comigo. Por que me ignoram?

Sinto dores, oh, muitas dores. No céu ninguém sente dores. Não posso estar no céu. Dói-me a garganta. Quero gritar, chamar alguém, mas não me sai nenhum som. Em pânico, olho para baixo e verifico que tenho um tubo na boca. Doem-me os braços como se mos estivessem a costurar a sangue frio. Tento mexer um braço, depois outro. Não consigo. Procuro mexer as pernas. Descubro,

com grande pavor, que estão imóveis. Não percebo. Todos os meus músculos estão paralisados.

Onde estou? Que lugar é este? Estou viva, mas prestes a morrer? Por que me deixam sozinha?

As dores não me deixam raciocinar. De certeza que é apenas um pesadelo, embora seja muito real. Se for um pesadelo, espero acordar depressa. Não estou a aguentar mais. Quero acordar, por favor, por favor. Fecho os olhos e fico à espera de acordar e verificar que tudo não passou de um sonho mau que se desvaneceu.

Reabro os olhos, a medo. Para meu grande pavor, não se trata de um pesadelo. Dirijo o olhar para cima. Vejo um teto liso e uma clara-boia. Encontro-me mesmo por baixo dela. Não estou no meu quarto, portanto. O meu quarto tem um teto antigo com anjos feitos em molde de gesso.

Concentro-me nos ruídos. Ouço bips e mais bips. Ouço vozes ao longe, e, mais perto, sussurros. Creio ouvir alguém chorar e tenho a certeza de que ouço gemidos.

Sinto medo, muito medo. Apodera-se de todo o meu corpo e da minha mente. Não consigo desembaraçar-me dele. Tenho medo do que ouço, do que sinto, do que pressinto que me possa ter acontecido. Aos poucos, começo a recordar. A confeitaria. Atravesso a rua na passadeira. Estou certa de que era uma passadeira. O semáforo estaria verde? Tenho a sensação que estou a voar e a dar voltas e mais voltas no ar. Santo Deus, o que me aconteceu? O medo bloqueia-me o corpo e incendeia-me o cérebro. Ouço um bip mais forte, cada vez mais forte.

Abro os olhos para dentro e vejo cores e luzes em todo o seu esplendor, sinto uma paz muito grande, um silêncio reconfortante e deixo-me envolver numa aura de amor. Vou a caminhar, no meio de uma luz branca, e encontro entes queridos nas bermas da estrada. A minha

tia Helena, o meu pai e o meu avô materno acenam-me e comunicam comigo, mas não através de palavras. O nosso cão *Muffin*, que faleceu quando eu tinha dez anos, veio receber-me e saltita alegremente ao meu lado. Estou tão contente por vê-los. Que belo sonho! Quero ficar aqui para sempre, para sempre.